

**O RISCO DELIBERADO:  
sobre o sofrimento dos adolescentes<sup>1</sup>**

***THE DELIBERATE RISK:  
on the suffering of teenagers***

---

David Le Breton

*Universidade Marc Bloch de Strasbourg*

**Resumo**

As condutas de risco são maneiras ambivalentes de lançar um apelo às pessoas mais próximas, àquelas com quem contamos. Elas são uma forma última de produzir sentidos e valores, testemunhando a resistência ativa dos jovens e de suas tentativas de estar no mundo. As provas que os jovens se infligem espontaneamente no grupo, mesmo se perigosas e dolorosas, correspondem a esta necessidade interior de se transformar e renascer para outra versão de si próprio, melhorada, após uma aproximação, real ou simbólica, com a morte. Essas provas são ritos íntimos, privados, cujas referências são pessoais, descolados de qualquer crença coletiva e voltando-se contra uma sociedade que busca preveni-las. À vezes, elas podem mesmo provocar um sentimento de reconhecimento pessoal, transformando-se em formas de autoiniciação.

**Palavras-chave:** adolescência, ritos de passagem, condutas de risco

**Abstract**

Risky behaviors are ambivalent ways of appealing to the people closest to us, the ones we count for. They are a way of producing last meanings and values, witnessing the active resistance of young people and their attempts to be in the world. The evidence that young people inflict spontaneously in the group, even dangerous and painful evidences, match this inner need to transform and be reborn to another version of oneself, improved after an approximation, real or symbolic, with death. These tests are rites intimate, private, whose references are personal, detached from any collective belief and turning against a society that seeks to prevent them. At times they can even cause a feeling of personal recognition, becoming forms of self initiation.

**Keywords:** adolescence, rites of passage, risk behaviors

---

<sup>1</sup> Tradução: Maria Stella M.S. D'Agostini. Revisão: Leila Jeolás e Ednalva Neves.

## Condutas de risco

O termo condutas de risco é um dos mais complexos e engloba uma série de comportamentos díspares que expressam, simbólica ou realmente, a existência do perigo. Ele é comumente relacionado com a exposição deliberada do indivíduo a situações de risco de se ferir ou morrer, de alterar seu futuro pessoal ou de colocar sua saúde em perigo: desafios, tentativas de suicídio, fugas, inconstâncias, alcoolismo, toxicomanias, transtornos alimentares, velocidade em estradas, violências, relações sexuais sem proteção, recusas ao recebimento de tratamento médico vital. Estes comportamentos arriscados não se reduzem a um jogo simbólico com a eventualidade de morrer ou ser, de algum modo, violentamente ferido; eles acontecem também, algumas vezes, com discrição, mas mantendo as potencialidades de perigo para o jovem ao alterar suas possibilidades de integração social, resultando, às vezes, na perda de identidade, como no caso da errância, da adicção ou da adesão a uma seita. Alguns registros podem permanecer, tornando-se um modo de vida (toxicomania, problemas alimentares...), outros marcam uma passagem para a ação, uma única tentativa relacionada a circunstâncias (tentativas de suicídio, fugas...). A propensão a agir assim que caracteriza esta idade está ligada a processos identitários inacabados, à dificuldade de mobilizar em si próprio os recursos de sentido para lidar com as armadilhas de um outro modo. A atuação é uma tentativa de escapar da impotência, da dificuldade de se pensar a si próprio, mesmo se às vezes as consequências sejam pesadas. O corpo substitui a palavra, informulável. Entre as garotas, as condutas de risco tomam formas discretas, silenciosas, corporais (problemas alimentares, tentativas de suicídio, escarificação, queixas somáticas...); enquanto que, entre os meninos, elas se expressam em atos e implicam um confronto frequente com o mundo sob o olhar dos pais (delinquência, violência, velocidade em estradas, toxicomanias, alcoolismo...). Elas afetam os jovens de todas as camadas, mesmo se o comportamento dependa também de sua condição social. Um jovem do meio popular pouco à vontade com sua vida estará mais inclinado a pequenas delinquências ou a uma demonstração de sua virilidade na estrada ou com as garotas do que um jovem de um meio privilegiado que terá, por exemplo, acesso mais fácil às drogas. O sofrimento de um adolescente é como um abismo, sem comparação com o de um adulto que tem experiência suficiente para relativizar as provações encontradas, sabendo que o tempo diminui sua intensidade. Ele está frequentemente à flor da pele e suas reações são sem meias-medidas e sem recuos. Um conflito com seus pais ou amigos, uma ruptura amorosa, uma decepção, tem para ele contornos de um drama sem tamanho. Frequentemente os adultos evocam a 'futilidade' dos 'motivos' que levam, por exemplo, a uma tentativa de suicídio. Isso configura uma forma de adulto-centrismo, que falha na compreensão da subjetividade do jovem (Le Breton, 2007).

As condutas de risco são, primeiramente, tentativas dolorosas de ritualizar a passagem para a idade adulta. Busca de limites jamais dados ou insuficientemente

sustentados; são formas de resistência contra a violência vinda da família (falta de amor, rejeição, indiferença, indisponibilidade, conflitos, maus-tratos, abuso sexual, violência física ou, ao contrário, superproteção, indiferenciação) e/ou da sociedade (competição generalizada, precariedade, exclusão etc.). Interrogação dolorosa sobre o sentido da existência; maneiras de forçar a passagem, rompendo a barreira da impotência. As condutas de risco são testemunhas de uma patologia do tempo que impossibilita o jovem de transpor a passagem; assim elas se manifestam de maneira evidente nas adições ou simplesmente nas repetições de situações em que o indivíduo se coloca em perigo, aprisionando-o em um tempo circular. Mas, simultaneamente, elas testemunham igualmente tentativas de se retirar, de ganhar tempo para não morrer, para continuar vivendo. E o tempo é o primeiro remédio para o sofrimento dos adolescentes.

Quatro figuras antropológicas se cruzam, acreditamos, nas condutas de risco dos jovens; não excludentes entre si, mas que se entrelaçam umas às outras: **ordálio**, **sacrifício**, **ausência e confronto**. Estas estão descritas longamente no livro *En souffrance. Adoslecence et entrée dans la vie* (Le Breton, 2007).

O **ordálio** é uma maneira de jogar o todo pelo próprio todo e, dessa forma, se entregar a uma prova pessoal para testar a legitimidade da vida ainda não experimentada pelo jovem porque o laço social foi incapaz de lhe proporcionar. Ele interroga simbolicamente a morte, e pelo fato de sobreviver garante o valor de sua existência. Todas as condutas de risco dos jovens tem uma tonalidade 'ordálica'. A exposição ao perigo visa expelir o que é intolerável para encontrar uma forma de paz. Escapar da morte pode induzir ao retorno para uma vida mais feliz. Sobreviver redefine radicalmente o sentido da existência. Se o enraizamento da existência não esta sustentado no gosto pela vida, resta, então, contrabandear o sentido colocando-se em perigo ou em situações difíceis, para encontrar finalmente os limites que faltam e, principalmente, para testar sua legitimidade pessoal.

O **sacrifício** joga a parte pelo todo. O jovem sacrifica uma parte de si para salvar o que considera essencial. Assim, por exemplo, são as escarificações ou as diversas formas de adicção, como a toxicomania, a anorexia.

A **ausência** é o apagamento de si com o desaparecimento das restrições identitárias, a vontade de não mais ser, de não ser ninguém... Encontramos essa figura especialmente na errância, na adesão a uma seita ou na experiência de se 'chapar' através do álcool, da droga ou de outros produtos, quando busca o coma e não mais as sensações.

O **confronto** é uma afronta brutal com os outros, através da violência, de incivildades e de delinquências; o confronto é uma fuga porque colide com o mundo na falta de limites de sentido bem integrados e felizes; é um corpo a corpo permanente com o mundo.

As condutas de risco são ritos íntimos de contrabando visando à construção do sentido para poder continuar a viver. Elas marcam a alteração do gosto por viver de

uma parte da juventude contemporânea. O sentimento é de se sentir diante de um muro intranponível, de um presente que não acaba nunca. As condutas de risco são tentativas de afastar-se da impotência para tornar-se novamente ator de sua própria existência, mesmo que seja preciso pagar o preço (lógica do sacrifício). Ato de passagem mais frequentemente, que passagem ao ato. Estas condutas são uma busca de suporte, de escora, ao se ferir, se esfolar, se colidir com as extremidades da realidade, experimentando o corpo a corpo com a toxicomania, o alcoolismo, a anorexia, a bulimia... Trata-se de fabricar uma dor que retenha provisoriamente o sofrimento. Uma dor deliberada, controlável portanto, opondo-se a um sofrimento que tudo devora em seu caminho. Na incerteza das relações, o indivíduo prefere a relação regular com um objeto que, embora oriente na integralidade sua existência, deixa o sentimento de poder controla-lo eternamente. Daí as relações dos jovens com respeito a certos objetos: droga, álcool, comida..., graças aos quais eles decidem à vontade os estados de seus corpos com o risco de transformar seu meio social em pura utilidade e sem mais nada para investir. Diante da inacessibilidade do mundo e do próprio ser, os jovens opõem a concretude do corpo, sendo que essas relações de domínio sobre os corpos são uma forma de controle exercida sobre a vida cotidiana perante a turbulência do mundo. O jovem reproduz sempre uma relação particular com um objeto ou uma situação que lhe proporciona, finalmente, mesmo que por um instante, a impressão fugidia de pertencer e de estar ainda enraizado no mundo.

### **Os ritos de contrabando da juventude contemporânea**

Mesmo que a situação de perigo seja solitária e mesmo que todos ignorem a prova pela qual passou, o indivíduo, ao escapar da morte, através das sensações experimentadas no contato com o perigo, descobre em si mesmo potencialidades inesperadas que lhe permitem recuperar o controle de sua existência. O sentimento de garantia põe em jogo uma energia redobrada no exercício da vida.

Surtem atualmente, diante dos nossos olhos, novos ritos de passagem, individuais, amplamente difundidos. Porém, eles não incorporam mais a marcação ritualizada da passagem da adolescência para a idade adulta, eles marcam, muito mais, o acesso possível a um sentido finalmente alcançado. Estes jovens buscam se revelar através de uma adversidade criada em todas as partes. O grau de consciência que preside o choque com o mundo é indiferente, sendo que o inconsciente desempenha um papel essencial no evento. O que predomina é uma necessidade interior. Se o resultado for favorável, esta aproximação simbólica ou real com a morte gera um poder de metamorfose pessoal, reconstituindo o gosto de viver, pelo menos por um tempo. Ela restabelece o narcisismo pessoal, restaurando o sentido e o valor da própria existência quando a sociedade falha em sua função antropológica de dizer por que vale a pena viver, por que o ser é melhor do que o **nada**. Na emoção do perigo, o jovem tem às vezes o sentimento de pertencer ao mundo, descobrindo,

então, nele mesmo, os recursos que restabelecerão o elo com o social.

É necessário repensar, no contexto das sociedades ocidentais contemporâneas, a noção de rito de passagem, elaborada pela etnologia através dos estudos das sociedades tradicionais em sua forma. Se o resultado destes ritos é semelhante, eles se diferenciam radicalmente. Nas sociedades tradicionais, o rito de passagem é um momento necessário e propício para a construção do acesso à idade adulta, através de uma série de etapas determinadas pelo costume, assegurando a transmissão social, nunca a autorreferência. Ele é comunitário, vivido solidariamente pelo grupo de pares e se institui sempre sob a responsabilidade dos mais velhos, jamais entre os membros de uma mesma classe etária, constituindo um momento essencial da filiação. Ele se faz acompanhar pela felicidade do novato na mudança de estado. Em termos de cerimônia, o iniciado entra no grupo de seu pai ou de sua mãe, como parceiro integral na troca e unido aos seus ancestrais. Nunca mais ele se coloca a questão do sentido ou do valor de sua vida, pois ele sabe agora que está definitivamente ancorado pelo elo social. Estes ritos de passagens são fortemente sexualizados, sendo que o pertencimento a um sexo se dá através de marcas corporais precisas (circuncisão, escarificações etc.).

Em nossas sociedades contemporâneas, as condutas de risco são o inverso destes processos. O acesso a uma nova dimensão do gosto por viver não é socialmente construído por uma série de etapas concorrentes de um ritual estabelecido socialmente e aos olhos unânimes da comunidade. Nenhuma progressão demarca essas provas, tornando-as desejáveis e previsíveis. Elas são profundamente solitárias e se impõem em um contexto de crise social. Portanto, milhões de jovens ocidentais realizam os mesmos gestos nas mesmas condutas de risco, devendo, então, serem consideradas tanto suas singularidades como sua dimensão coletiva. Dependendo de atos impulsivos ou de empreendimentos inconscientes de uma busca última, estas condutas de risco se nutrem do sofrimento de sujeitos que não encontram significado para sua existência. A resposta dada é provisória, às vezes insuficiente para garantir ao indivíduo o sentimento de seu valor pessoal, e a sociedade é hostil a essas condutas, instalando estruturas de prevenção para reprimi-las, além de causarem dor aos pais. A metamorfose de si criada pela prova enfrentada não é passível de ser transmitida aos outros e não está sujeita a nenhuma memória coletiva. Além disso, são condutas resultantes da impossibilidade de se reencontrar consigo próprio e elas provocam por longo tempo muito mais sofrimento, ferimentos e dramas do que alegrias. O sucesso da prova não está jamais garantido e o seu preço é alto. Longe de ser atestada pela comunidade social, a **mutação ontológica** (Eliade, 1959), quando por sorte aparece, é estritamente do domínio da intimidade.

Falar de ritos individuais de passagem para as jovens gerações apela a uma forma clandestina e solitária de simbolização do gosto por viver. Esse ato é singular e tem valor apenas para aquele que se atreve. O jovem nem sempre tem lucidez sobre o objeto de sua busca e se ele lhe escapa seu *status* social não se altera. O ser mesmo do sujeito é

virtualmente modificado, mas o recurso **ordálico** pode se revelar um fracasso, não produzindo a mudança interior desejada e agravando, assim, ainda mais, a situação. Estes ritos individuais contêm, entretanto, uma revelação possível sobre a identidade e a multiplicação de tais atos que, sob formas dispersas e individuais, faz deles um fenômeno sociológico. São formas furtivas de sentido, ritos íntimos de contrabando que não tem o consentimento da sociedade e que os profissionais tentam prevenir.

O comportamento **ordálico** na sua diversidade infinita é uma resposta dolorosa e íntima para as carências culturais e sociais. Ele procura o sentimento de garantia, de aproximação do significado da existência. É um tipo de último recurso para aquele que pensa que, de qualquer maneira, não tem mais nada a perder. Nas nossas sociedades o rito individual de passagem é uma réplica dolorosa para a exclusão do sentido.

Estas experiências, mesmo que perigosas e dolorosas, correspondem à necessidade interior de se transformar e de renascer sob uma nova versão de si, melhorada, depois de ter olhado, real e simbolicamente, a morte de frente. Trata-se de destruir a antiga personalidade, de gerar, de outra forma, o **eu**. O jovem é vítima de dúvidas sobre sua capacidade de escapar da infância e de se transformar em adulto, pois está muito voltado para outra coisa: a preocupação de conseguir a autonomia, mostrando a si próprio e aos outros que ele está à altura, que é digno de confiança e de estima. Daí, a escalada de provas, a quantidade de condutas arriscadas ou, então, os equivalentes aos ritos de passagem bricolados por grupos de jovens.

As condutas de risco, como uma forma de ultimato para fabricar sentido e valor, testemunham a ativa resistência de alguns jovens e de suas tentativas de se reconciliar com o mundo. O alívio é provisório e a ação é conseqüentemente reproduzida, sob uma forma eventual de adição, para afastar a angústia e poder continuar, apesar de tudo. As condutas de risco são uma maneira radical de extrair o sofrimento, de forçar a passagem para alcançar outro sentimento de si mesmo. Tentativas de se despir da morte, que cola à própria pele, afrontando-a simbolicamente. Arrastado no turbilhão, o jovem parece não mais dominar a situação, mas, na verdade, ele luta, ele procura aniquilar o sofrimento através de meios que, sem dúvida, não são os melhores aos olhos daqueles poupados pelas circunstâncias, que não compreendem, portanto, a lógica empregada. Estas condutas no fio da navalha são uma tentativa paradoxal de recuperar o controle, de decidir finalmente por si próprio qualquer que seja o preço. O choque de realidade induzido pelo comportamento é uma busca de limites que permite ir a fundo, não para se destruir, mas para obter daí um apoio, um suporte, a fim de voltar ao mundo.

À diferença dos adultos, nas tentativas de suicídio dos jovens, sobretudo das garotas, há o predomínio de um sonho de ausência, uma busca de letargia. Durante estes períodos em que se escapa, espera-se a resolução das tensões como se a morte fosse uma espécie de recato no qual o sujeito se retiraria para retomar seu fôlego e esperar o fim das contusões. Suspensão de si, apagamento das circunstâncias, busca de um coma não premeditado,

porém internamente desejado como um porto, no qual se pode reconstituir-se. Morte nem brutal nem definitiva, mas reversível e maternal, lugar de consolo e conciliação das tensões, em suma, uma morte sem cadáver. A preocupação é menos a de morrer do que a de não estar mais aqui; é menos a de se matar do que a de viver, de se desfazer simplesmente do pior. Dentre as pessoas que morrem, sem dúvida são numerosas as que não o desejavam realmente: “Quando eu tentei me suicidar, eu queria apenas dormir. Eu não queria mais ter que me preocupar com nada. Era a coisa mais simples a fazer” (Mélanie, 17 anos). Para estes jovens, as tentativas de suicídio são, antes de qualquer coisa, tentativas de viver.

O desejo de dormir é também para uma grande parte uma forma de regressão, uma vontade de retornar à infância e se libertar das tensões relacionadas ao fato de crescer e de precisar assumir novas responsabilidades. Os constrangimentos da identidade tornam-se demasiadamente pesados para suportar, levando ao apelo de um alívio simbólico. Busca da ausência, de um apagamento provisório de si. Mas não se trata de acabar com tudo, mas apenas de voltar fortificado, livre do peso que tornava muito difícil a existência anterior: “É um alívio, mesmo que seja efêmero para alguém como eu que só fez uma tentativa. É uma maneira de dizer aos outros que a gente existe e tem necessidade de ser escutado e amado”.

Nascer ou crescer não é mais suficiente para estabelecer completamente o direito a um lugar no interior do elo social, sendo necessário conquistar o direito de existir. Se nossas sociedades preparassem a entrada para a vida, se elas assinalassem o caminho e lhe dessem uma finalidade; se elas soubessem propiciar significados para a construção de si e para o desenvolvimento da vida dos indivíduos, elas não estariam confrontadas com tal magnitude de sofrimentos adolescentes ou de condutas de risco. Se o meio social no qual vive não propicia ao jovem o reconhecimento, ele o procura por si mesmo, colocando-se em perigo ou provocando os outros. No enfrentamento da morte, ele experimenta seu próprio valor na falta de não poder vê-lo refletido nos olhos dos outros.

Colocar-se à prova, de maneira individual, é uma das formas de cristalização moderna da identidade quando o jovem está sofrendo, em suspensão com uma impossibilidade de viver. Muitas destas formas de risco dão enfim a impressão de viver pelo contato que elas suscitam com o mundo, pelas sensações provocadas. Longe de serem puramente destrutivas, elas dizem respeito a uma experimentação de si, a uma busca tateada por limites. Se os outros modos de simbolização fracassaram, escapar da morte e obter êxito nos testes são maneiras de administrar a prova última de uma garantia sobre a existência. Estas provas são ritos íntimos, privados, autorreferenciados, separados de toda crença e dão as costas a uma sociedade que busca preveni-los. Às vezes, tais provas provocam mesmo um sentimento de renascimento pessoal, moldando-se em formas de autoiniciação.

Depois de uma série de comportamentos em que um jovem colocou sua existência em perigo, através do álcool, da velocidade nas estradas, da condução em estado de embriaguez, do uso de drogas, dentre outros, ele foi preso por pequeno tráfico de drogas. Em uma cela próxima à sua um detento se mata. Ele vê pela manhã os guardas levarem

seu corpo e experimenta uma tomada brutal de consciência da morte: “Eu disse a mim mesmo que ficaria assim, se eu continuasse como estava. O cara não se movia mais, estava completamente imóvel. Ele não ia mais levantar. Então eu me disse que a morte era isso. Isso me fez acordar, não tive mais vontade de pensar em suicídio”. Ele renunciou também ao uso de drogas. O anúncio da soropositividade ou da Aids é para outros uma advertência que eles parecem esperar para aderir a um tratamento de desintoxicação. Alguns jovens confrontados com uma ameaça tangível de morte finalmente alcançam um limite de sentido para se reconstruírem. As representações adolescentes da morte são sem cadáveres, sendo que a confrontação concreta com um morto ou com um ferimento torna-se, frequentemente, um lembrete da brutalidade do real e tem, muitas vezes, o valor de contenção das condutas de risco.

A proximidade com a morte – quer tenha sido deliberada ou não – é uma confrontação radical com o limite, e ela possui a virtude, se nos saímos bem, de nos dispor limites de sentido para encararmos finalmente uma vida interior com referências que tenham valor emitente para nós próprios. A fronteira entre si e o outro, entre o interior e o exterior é, então, posta de maneira radical; ela não requer mais a astúcia, a ser constantemente renovada, do jogo com a morte ou do corpo a corpo em uma busca de limites sempre fugidios. A morte é de fato um último limite. Enquanto uma trama de sentido não estiver disponível entre o eu e o mundo, desencadeada por um encontro, um terapeuta, uma relação amorosa ou simplesmente por um encaminhamento interior, o comportamento se impõem como um último recurso. Mas, desde que a existência ganhe valor, o corpo também é valorizado e se torna intocável. Só se pode destruir um corpo que já esteja simbolicamente desmotivado. Quando as circunstancias da vida aliviam e o indivíduo está em condições de se redefinir, então ele vira a página. Não se pode mudar sua história, mas se pode mudar o seu sentido. O desenvolvimento pessoal leva, então, a desarmar a carga nociva para transformá-la em matriz de renovação de si.

### **O corpo como objeto transitório**

Estas provas que os jovens se infligem são ritualizações selvagens de uma passagem dolorosa, momentos ‘transitórios’, ou melhor, seus próprios corpos são um objeto de transição projetado, algumas vezes, severamente contra o mundo para poderem continuar um caminho denso de perturbação. Na fase da adolescência, quando os fundamentos do sentimento de si são ainda frágeis e vulneráveis, o corpo é o campo de batalha da identidade. Raiz identitária, o corpo assusta em razão de suas transformações, as responsabilidades que ele implica em relação aos outros, a sexualização, etc. Preso ao mundo, ele é o único meio para se retomar o controle de sua própria existência. A ambivalência faz dele objeto transitório destinado a amortecer o choque de uma entrada problemática na idade adulta. Apesar de suas transformações e de sua inquietante estranheza, o corpo é a única

conexão permanente com o ser ao longo do tempo e dos eventos, mesmo se ele às vezes se esquivava. Ele está inevitavelmente sempre lá, ao mesmo tempo amado e odiado, investido e maltratado; é lugar de uma alteridade paradoxal, mas também objeto pertencente apenas a si mesmo, fronteira entre os outros e si próprio, entre o mundo interior e o externo. Controlando o seu corpo, o adolescente busca ter o domínio de sua existência e domar sua relação com o mundo. Como o objeto transitório de Winnicott, o corpo assim usado não pertence nem a mim nem ao outro que não eu, ele é um órgão de transição, de passagem; é a ligação fundamental com o mundo, mas dissociado do eu e utilizado como um instrumento para acessar a outra margem. A marca corporal tem, assim, um estatuto de assinatura, ela diz respeito ao lúdico quando é uma marca de subjetividade aplicada em um corpo que era percebido como não sendo totalmente seu. A marca corporal traduz uma apropriação simbólica da inserção de si, como é o caso da tatuagem ou do piercing. Inversamente, as escarificações são uma tentativa de se desfazer de si, uma vontade de arrancar uma camada que cola na pele e aprisiona o ser em um sentimento intolerável de identidade. Trata-se de fazer uma nova pele, se desgrudando do sofrimento em um gesto doloroso que é, justamente, o preço a pagar pela sobrevivência.

Como espaço de amortização das tensões, o jovem mima e esfolia o corpo, cuida dele e o maltrata, o ama e o odeia, com uma intensidade variável de acordo com sua história pessoal e com a capacidade de se seu meio social para desempenhar ou não sua função de contentor. Quando os limites estão faltando, o jovem os procura na superfície de seu corpo, ele se joga simbolicamente (e não menos real) contra o mundo para estabelecer sua soberania pessoal, distinguir entre o fora e o dentro, estabelecer uma zona propícia entre o interior e o exterior. O corpo é a matéria para a identidade encontrar seu lugar na trama do mundo, mas não sem ser maltratado. Para compor finalmente o corpo com o ser, firmar a carne no mundo, é preciso testar seus limites físicos, colocá-los à prova para senti-los e controlá-los, a fim de conter o sentimento de identidade. O corpo que assumiu essa função de passagem é ao longo do tempo integrado ao ser, ele perde seu significado de proteção para inscrever as fronteiras do sujeito.

### **Antropo-lógicas contemporâneas e não patológicas**

Durante a juventude os momentos de sofrimento não são comparáveis com aqueles da idade adulta. Os mesmos sintomas aos 15 ou aos 40 anos não possuem o mesmo estatuto, nem o mesmo prognóstico. A adolescência é um período de obsolescência do sentimento de identidade e de reorganização, até que um centro de gravidade se estabeleça. A resolução das tensões ou se dá de maneira rápida e inesperada ou leva tempo, mas encontra um resultado favorável. Surpreendente é, então, a capacidade de esquecer ou de exagerar, além do fato de os modos de defesa de um adolescente não terem a gravidade daqueles de um adulto. A fixação nosográfica pode ter consequências pesadas, pois arrisca transformar

em essência o que se destinaria ao desaparecimento, caso não se preste muita atenção à gravidade. Os/as adolescentes estão ainda em uma passagem repleta de virtualidades, com um sentimento de identidade lábil, recorrendo a formas de resistência que parecem radicais sem ser necessariamente patológicas, mas como forma de ajuste pessoal em uma situação de ameaça. Na imensa maioria dos casos, as condutas de risco ou os ataques ao corpo só duram um momento e são abandonados ao longo do tempo.

Todavia, é fundamental não deixar de lado o esboço de uma ferida suscetível de hipotecar o futuro. Para uma minoria de jovens o tempo se volta contra eles e o cuidado faz-se necessário para que eles não se destruam ainda mais. O médico deve, de maneira singular, pesar as consequências de suas decisões com relação ao adolescente. Isso porque as etiquetas são perigosas ao fixarem um estado, uma natureza, e induzirem no meio social e nos cuidadores um sentimento unilateral que gera a repetição como uma profecia de autocumprimento. Nesse caso, os jovens se convencem de que são pacientes clínicos e não sujeitos em sofrimento respondendo a situações precisas. Além disso, esses sintomas podem parecer como a única coisa que lhes pertence em particular e eles arriscam a investir nela como uma bandeira identitária. Tais sintomas se tornam uma maneira eficaz de construir um personagem diante dos outros. Neste sentido, os vários sites da internet são testemunhas, nos quais anoréxicos, para citar um exemplo, mantêm uma paixão mútua por seus comportamentos. Daí os desafios clínicos e éticos dos diagnósticos. As condutas de risco ou os ataques ao corpo são, mais frequentemente, passageiros, técnicas de sobrevivência para romper a gravidade do sofrimento e para resistir. São, paradoxalmente, soluções, mesmo que tenham uma dose de veneno mais ou menos acentuada.

Em sua maioria, as condutas de risco ou as escarificações afetam os adolescentes 'ordinários', que não sofrem de nenhuma patologia, no sentido psiquiátrico do termo, mas de perturbações reais ou imaginárias de sua existência. Tais condutas são um recurso antroponológico para contrapor-se a este sofrimento e se preservar, uma vez que as circunstâncias não deixam escolhas sobre os meios para livrar-se dele. Mas as condutas de risco ou ataques ao corpo constituem, principalmente, um movimento de resistência contra uma violência silenciosa que se situa acima de uma configuração familiar e social. Eles conjuram uma catástrofe dos sentidos e absorvem os efeitos destrutivos, tentando retomar as rédeas da situação. O comportamento se insurge contra a afeição dolorosa, em uma tentativa de estancá-la. Não se trata de reduzir tais condutas a uma nosografia eventual que separa o normal e o patológico como categorias imutáveis, que não levam em consideração a singularidade própria dos jovens e de suas experiências pessoais. Mas trata-se de interrogar os significados dessas condutas e de compreender como elas agem também no sentido de proteger a existência, mesmo colocando-a em perigo, e, permitindo, assim, aos jovens manterem a cabeça fora da água para não se afogar.

O jovem tenta liberar uma saída para ser finalmente ele próprio. As feridas corporais deliberadas não são indícios de loucura, nem tampouco a maioria das tentativas de suicídio,

das fugas, dos problemas alimentares ou de outras formas de condutas arriscadas das gerações jovens. Martine, que se cortou por longo tempo, afirmou com convicção aos 20 anos: “Os cortes eram a única maneira de aguentar este sofrimento. Essa foi a única forma que eu encontrei naquela época para não querer morrer”.

Estes comportamentos permitem o enfrentamento. Eles são formas de adequação a uma situação pessoal dolorosa. Assinalar o caráter antro-po-lógico destas condutas, insistindo em sua característica provisória, não significa de maneira alguma que se deva deixar o adolescente se machucar. Se as condutas de risco são apelos à vida, elas são também pedidos de ajuda. Elas demandam um reconhecimento, um acompanhamento do jovem, uma compreensão de que tais condutas são o sinal de um sofrimento intenso crescente. Elas devem mobilizar as instâncias da saúde pública, os organismos de prevenção e de apoio ao adolescente, pois esses jovens em sofrimento estão à procura de adultos que lhes mostrem o gosto de viver. Daí a necessidade de um apoio, em termos de acompanhamento ou de psicoterapia, de presença, de conselhos ou, simplesmente, de amizade. A primeira tarefa é a de convencer esses jovens de que sua existência é preciosa e tentar desvia-los destes ‘jogos de morte’ para conduzi-los ao ‘jogo da vida’.

Finalmente, pode se afirmar que as condutas de risco não dizem respeito a uma vontade de morrer, não são formas malsucedidas de suicídio, mas um desvio simbólico para garantir o valor da existência; uma maneira de rejeitar o medo da insignificância pessoal. Longe de estarem fundamentadas na destruição de si, elas devem ser interpretadas como buscas identitárias e apelos à vida. Apesar do sofrimento que causam, elas possuem, apesar de tudo, uma inclinação positiva, favorecendo ao jovem a conquista da autonomia e a busca de suas marcas. Elas não são menos dolorosas nas suas consequências, através da dependência, das feridas ou das mortes que causam, podendo minar, dessa forma, as possibilidades do indivíduo, especialmente na interrupção da educação escolar. Mas o sofrimento maior é perpetuado por uma conjunção complexa entre sociedade, estrutura familiar e história de vida. Contra isso, as condutas de risco ilustram um desejo de se debater para existir finalmente. Ao longo do tempo, o jovem doma seu ‘mal’ de viver e elabora uma identidade própria, sendo que a turbulência vivida se transforma, então, em um recurso para viver com uma consciência de que a existência é um privilégio.

A consolidação de si leva à estabilidade na relação com o mundo, à tranquilidade interior e à satisfação consigo próprio. O jovem se volta, então, para as turbulências vividas questionando-se sobre sua capacidade de passar por isso, apesar de tudo. Daí essa dimensão por vezes iniciática das condutas de risco, a tomada de consciência da fragilidade infinita da existência e, simultaneamente, a apreensão de sua história pessoal como uma chance que poderia não ter ocorrido<sup>2</sup>.

---

2 Remeto todos os pontos aqui desenvolvidos à David Le Breton (2007).

## Referências

- BECK, Ulrich. **La société du risqué**. Sur la voie d'une autre modernité. Paris: Aubier, 2001.
- BELL, Nancy J.; BELL, Robert. W. **Adolescent risk taking**. Newbury Park: Sage, 1993.
- BLOCH, Herbert; NIEDERHOFFER, Arthur. **Les bandes d'adolescents**. Paris: Payot, 1963.
- ELIADE, Mircea. **Initiation, rites, sociétés secrètes**. Paris, Gallimard, 1959.
- JEOLÁS, Leila S. **Risco e prazer**. Os jovens e o imaginário da Aids. Londrina: Eduel, 2007.
- JESSOR, Richard (ed.). **New perspectives on adolescent risk behaviour**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- LACHANCE, Jocelyn. **L'adolescence hypermoderne**. Le nouveau rapport au temps des jeunes. Québec: Presses Université Laval, 2011.
- LE BRETON, David. **En souffrance**. Adolescent et entrée dans la vie. Paris: Métailié, 2007.
- \_\_\_\_\_. **La peau et la trace**. Sur les blessures de soi. Paris: Métailié, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Signes d'identité**. Tatouages, piercings et autres marques corporelles. Paris: Métailié, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Conduites à risque**. Des jeux de mort au jeux de vivre. Paris: PUF, 2012.
- \_\_\_\_\_. **La sociologie du risque**. Paris: PUF, 2012.
- LUPTON, Deborah. **Risk**. London: Routledge, 1999.
- \_\_\_\_\_. (ed.). **Risk and Sociocultural Theory**. New directions and perspectives. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- PLANT, Martin; PLANT, Moira. **Risk takers: alcohol, drugs, sex and youth**. London: Routledge, 1993.
- WINNICOTT, Donald W. **Jeau et réalité**. Trad. Cl. Monod et J. B. Pontalis. Paris: Gallimard, 1975.

Recebido em 15/08/2012

Aprovado em 15/09/2012